



Paulo Queiroga
pqueiroga@terra.com.br

Como a Copa do Mundo afetará o turismo brasileiro

Com todos os alertas e especulações sobre possíveis problemas durante a Copa do Mundo de 2014, com ameaças de greves, violência, campanhas de boicote aos jogos e infraestrutura deficiente, pelo menos, sob o ponto de vista de número de visitantes estrangeiros, a projeção indica que esta Copa terá muito sucesso.

Instituto especializado analisou as reservas aéreas para o Brasil no período da Copa. Segundo o estudo, o número de turistas estrangeiros que chegarão ao país por via aérea durante os dias de realização dos jogos será cinco vezes maior em relação ao mesmo período de 2013. De acordo com as reservas de passagens aéreas, os principais emissores internacionais serão os Estados Unidos, a Alemanha e a Inglaterra. E as três cidades mais visitadas serão Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

Voos domésticos dispararam

As reservas domésticas para viagens de junho a agosto também dispararam, com aumento três vezes maior, comparado com o mesmo período em 2013 e crescimento nove vezes maior, considerado o período de 1

a 26 de junho, que é de baixa temporada. As reservas para o Rio de Janeiro, por exemplo, mostram crescimento sete vezes maior para o período entre a cerimônia de abertura e os seis jogos agendados na cidade, com picos de chegada dias antes de cada jogo. Os turistas estrangeiros com reservas para o Rio de Janeiro são principalmente dos EUA (21%), Inglaterra (8%) e Argentina (7%).

As 12 cidades sede da Copa – Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Fortaleza, Recife, Brasília, Belo Horizonte, Natal, Manaus, Porto Alegre, Cuiabá e Curitiba – terão aumento expressivo no número de visitantes durante a realização dos jogos, de acordo com o estudo. A pesquisa sinaliza que, como ocorreu na África do Sul, a tendência é diminuição do ritmo das reservas aéreas, à medida que o evento vai se aproximando, pois os viajantes fizeram suas reservas com antecedência.

O estudo também destaca que os brasileiros que viajarão para o exterior este ano devem mudar o ritmo tradicional, a fim de assistir às fases finais do torneio no Brasil.

O levantamento foi realizado pela empresa espanhola Foward Data,

junto com a Pires & Associados no Brasil. Para aprofundar no tema: www.pireseassociados.com.br.

Déficit com crescimento

Apesar do déficit superior a US\$ 18 bilhões na balança comercial do turismo no Brasil em 2013, com brasileiros gastando mais de R\$ 25 bilhões em viagens ao exterior, a economia do turismo apresenta crescimento. O Brasil aparece em sexto lugar entre as economias do turismo do mundo, lista liderada pelos Estados Unidos com uma renda de cerca de US\$ 1,4 trilhões. A China aparece na segunda posição, com uma receita anual de US\$ 850,1 bilhões gerados pelo turismo.

Em relação à contribuição direta do setor no Brasil, o percentual é de 3,5% do Produto Interno Bruto com US\$ 77,6 bilhões (cerca de R\$ 166,1 bilhões). de 2013, sobre o impacto do turismo no mundo. O estudo foi realizado pelo Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC – sigla em inglês) em parceria com a Universidade de Economia de Oxford, na Inglaterra. De acordo com as estimativas do MTur, o turismo contribui com 3,7% do PIB brasileiro, gerando

cerca de US\$ 76,1 bilhões, segundo o IBGE.

Por falar em Copa

A Copa do Mundo está gerando gastos extraordinários para o Brasil em diversos setores. Mas nada deve superar as construções e reformas das novas arenas que receberão os jogos. Levantamento feito consultoria KPMG, mostra que dos 20 estádios mais caros do mundo, dez estão no País e foram construídos para a Copa. O Estádio Mané Garrincha, em Brasília, foi o mais caro entre as 12 arenas, com custo final de R\$ 1,4 bilhão. O recordista mundial, no entanto, é o mítico Wembley, na Inglaterra, (R\$ 2,9 bilhões), reformado no início desse milênio.

Dez, dos 12 estádios que serão usados na Copa do Mundo figuram no Top-20 da lista. Além do Estádio Mané Garrincha, estão no ranking mundial de custos: Maracanã (7º), Arena Amazônia (10º), Arena Corinthians (12º), Arena Pantanal (13º), Arena Pernambuco (14º), Fonte Nova (15º), Mineirão (16º), Castelão (19º) e Arena das Dunas (20º).

MERCADO DE CAPITAIS



Juliano Lima Pinheiro

PhD Presidente da APIMEC MG
(Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais)

História da Bolsa de Valores



Brasão de Armas da Família Van der Buerse

A origem da bolsa é bastante remota. Alguns escritores, como Vázquez de Prada, a buscaram no emporium dos gregos, outros no collegium mercatorum dos romanos ou nos fundacks (bazares) dos palestinos. Nessa época, os comerciantes reuniam-se no centro das cidades para negociar ao ar livre, como qualquer mercado. Não há uma definição histórica clara sobre esse fato. Sabe-se que surgiram, em épocas distantes, com atribuições que não as vinculavam especificamente a valores mobiliários. E mais, o compor-

tamento dos mercados sintetizava o comportamento comercial que daria vida às bolsas: a negociação a viva voz, superando barreiras geográficas, linguísticas e ideológicas.

Durante toda a Idade Média e até o século XVII, as funções das bolsas se resumiam à compra e venda de moedas, letras de câmbio e metais preciosos. Os negócios, então, eram limitados pelas dificuldades de comunicação, escassez de capitais e ausência de crédito. A palavra bolsa, no sentido comercial e financeiro tem origem no fim do século 13 do nome da família de nobres belgas, os Van der Buerse, cujo brasão de armas era três bolsas de pele, simbolizando honradez e méritos por sua atuação na área mercantil.

Era em um edifício de propriedade família Van der Buerse, em Bruges, cidade lacustre da Bélgica, pertencente à liga Hanseática, que se reuniam periodicamente um conjunto de pessoas influentes, como mercadores, armadores e agentes de câmbio, objetivando a realização de operações financeiras entre si. A partir daí, o comércio de papéis deixou de ser realizado ao ar livre, nas ruas e calçadas, e passou a ter uma sede própria. Em 1309, tais encontros foram formalizados e os encontros diários passaram a chamar-se de rodadas na “Bruges Burse” (“bolsa” de Bruges).

Os administradores do edifício, criado por Robert Van der Buerse em 1285, ficaram famosos por oferecer aconselhamento financeiro a comer-



Edifício de Propriedade da Família Van der Buerse em Bruges

ciantes e mercadores que frequentaram o local. Este serviço tornou-se conhecido como “Beurze Purse”, ou seja, um lugar organizado de troca.

Nos séculos XIII e XIV, Bruges, capital do Condado de Flandres Ocidental, na região de Flandres (cujo território abrangia uma parte da França, Bélgica e Holanda atuais), foi um importante centro comercial onde viviam cerca de 100.000 pessoas, uma população que superava as de Londres e Paris, as capitais dos dois rei-

sou a ser considerada a mais antiga bolsa de valores do mundo. Nesta época ocorriam negociações e após elas, eram entregues comprovantes em papel dos ativos negociados.

No século XVIII, essas instituições alcançaram grande desenvolvimento, em virtude das exigências de fé

eles, até que em 17 de março de 1792 chegou-se ao acordo de Buttonwood Tree (nome dado por causa de uma árvore nascida no final de Wall Street), assinado por 24 corretoras e comerciantes, no qual se fixavam as comissões a cobrar e a preferência no oferecimento de negócios. No ano seguinte da adoção do acordo,

mercados que operam por meio de bolsas regulamentadas cresceram em uma escala nunca antes imaginada, o que lhes atribuiu papel ativo e grande responsabilidade no centro da economia mundial.

Em várias partes do mundo, as movimentações nos índices das bolsas passaram a integrar o ritmo do dia a dia, sendo apresentadas em real time em diversos canais de comunicação. A grande expansão da imprensa especializada também pode ser atribuída aos mercados de capitais. Quando ocorrem movimentações para cima ou para baixo, o fato logo torna-se notícia de alcance nacional.

Movidas pela globalização, associada ao incessante avanço tecnológico - que rompeu barreiras geográficas-, as bolsas do mundo todo vivem um período de grandes transformações. Fusões, aquisições e parcerias estão ocorrendo, não só dentro do território de cada país, nem mesmo dentro de limites continentais, mas através de continentes, criando as bolsas intercontinentais.

O processo de fusões e integrações de algumas bolsas, além de tornar as empresas mais capitalizadas, traz importantes vantagens para a bolsa resultante. Ao oferecer melhor tecnologia de corretagem no maior número de países e mercados, em uma única plataforma, fortalece a marca e reduz os custos da bolsa resultante.

Esse processo vem provocando importantes mudanças na configuração mundial do mercado bursátil. Tal fato caracteriza-se como uma tendência generalizada para a ampliação



Prédio da Bolsa de Valores de Amsterdã construído no início do século XVII por Hendrik de Keyser.

nos mais importantes de seu tempo. Nessa época, em Bruges, as casas não tinham números, mas desenhos. Cada casa era conhecida pelo desenho que trazia. Por isso, a casa era conhecida como a casa das bolsas. Por extensão, em todas as regiões os locais onde se realizavam transações comerciais começaram a ser chamados de Bolsa.

A primeira Bolsa oficial surgiu em 1531 em Antuérpia na Bélgica, designada por Nieuwe Beurse. Nesta Bolsa, realizavam-se negócios especulativos influenciados por boatos que afetavam a evolução dos preços. A instabilidade trazida por Bolsas de caráter mais especulativo levou a Inglaterra a construir sua própria Bolsa para assegurar uma maior proteção da sua economia. Dessa forma nasceu, em 1571, a Bolsa de Londres (Royal Exchange), que atuou como pilar do império britânico, tendo adquirido grande relevância nos séculos XVIII e XIX com a Revolução Industrial.

No início do século XVII os mercados de valores evoluíram até chegar ao que poderíamos considerar as primeiras companhias formalmente constituídas por ações na Holanda. Em 1602, a Verenigde Oostindische Compagnie (Companhia das Índias Orientais), que na época monopolizava a colonização na Ásia, foi a primeira a emitir ações, dando origem a Bolsa de Valores de Amsterdã. Por ser a primeira bolsa de valores com negociação de ações, a Amsterdam Stock Exchange (Bolsa de Valores de Amsterdã), criada em 1602 através de recursos financeiros da associação de capitais vindos da Companhia Holandesa das Índias Orientais, pas-

sou a ser considerada a mais antiga bolsa de valores do mundo. Nesta época ocorriam negociações e após elas, eram entregues comprovantes em papel dos ativos negociados. No século XVIII, essas instituições alcançaram grande desenvolvimento, em virtude das exigências de fé

o mercado de valores mudou de sua antiga sede e estabeleceu-se o primeiro regulamento desta instituição, inspirado no da Bolsa de Filadélfia.



Prédio da NYSE

o mercado de valores mudou de sua antiga sede e estabeleceu-se o primeiro regulamento desta instituição, inspirado no da Bolsa de Filadélfia.

Em 1863, depois de passarem a operar em local fechado, a Bolsa de New York adotou o nome de New York Stock Exchange, já que até essa data seu nome era New York Stock and Exchange Board.

A partir do século XIX, as bolsas restringiram sua atuação aos mercados de capitais (títulos e valores mobiliários) e, à medida que surgiam os mercados de títulos representativos

de mercadorias (commodities), foram criados locais específicos para sua negociação (bolsas de mercadorias).

Segundo a Federação Mundial de Bolsas, durante as últimas décadas as bolsas de valores mobiliários passaram a desempenhar um novo papel de grande importância no sistema financeiro internacional, qualitativamente diferente de qualquer outro visto desde a Segunda Guerra Mundial. Em termos quantitativos, os

(*) – Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais – Minas Gerais